

Cruzamentos e limites na pesquisa sobre comunicação: o sentido prático interdisciplinar

Cruces y límites en la investigación sobre comunicación: el sentido práctico interdisciplinar

■ GUSTAVO ADOLFO LEÓN-DUARTE^a

Universidad de Sonora. Departamento de Ciencias de la Comunicación. Hermosillo – México

RESUMO

Este texto trabalha com o argumento de que muitos dos desafios contemporâneos da pesquisa em comunicação se devem a desafios interdisciplinares em si e, ao mesmo tempo, aponta diferentes provocações epistemológicas da pesquisa interdisciplinar como desafios propriamente comunicativos. Ele reflete sobre a pesquisa em comunicação e possíveis domínios de conhecimento aplicado à sua prática normativa, em torno da qual uma série de questões de comunicação podem ser determinadas sem perder o que vários estudiosos chamaram de sua natureza e condição (inter)disciplinar.

Palavras-chave: Comunicação, pesquisa interdisciplinar, pesquisa centrada em um problema

RESUMEN

Este texto trabaja el argumento de que muchos de los desafíos contemporâneos de la investigación sobre comunicación obedecen a desafíos propiamente interdisciplinarios, a la vez que advierte distintas provocaciones epistemológicas de la investigación interdisciplinaria como retos de la comunicación especializada. Reflexiona sobre la investigación en comunicación, y posibles dominios de conocimiento aplicado a su práctica normativa, en torno a lo cual se pueden anclar una serie de preguntas de comunicación sin perder lo que varios estudiosos han llamado su naturaleza y estatuto (inter)disciplinar.

^a Licenciado em Comunicação pela Universidad de Sonora. Mestre e doutor em Jornalismo e Comunicação pela Universidad Autónoma de Barcelona. Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores no México. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5230-9462>. E-mail: gustavo.leon@unison.mx



Palabras clave: Comunicación, investigación interdisciplinaria, investigación centrada en un problema

POR VÁRIAS DÉCADAS, as chamadas ciências da comunicação avançaram rapidamente sobre dois pilares. De um lado, uma luta incessante pela legitimidade científica acadêmica. De outro, uma acelerada transformação digital da vida social, cultural e econômica. Somente nas últimas duas décadas, o campo da pesquisa em comunicação compartilhou e expandiu sua atuação talvez mais do que qualquer outro campo de conhecimento. O caminho para o desenvolvimento e a consolidação da estrutura científica do campo de estudos da comunicação, incluindo o subcampo da pesquisa, teve um progresso intenso, embora pouco preciso. O status da comunicação como disciplina e campo interdisciplinar, por exemplo, tem sido objeto de acalorado debate internacional pelo menos desde a década de 1950 (Lasswell, 1958, p. 246-251). A insurgência dos estudos culturais críticos e da economia política contra a tradição estabelecida pela pesquisa funcionalista em comunicação de massas implicaram, por um lado, a reivindicação à unidade na diversidade da comunicação e, por outro, várias tensões entre as distintas tradições nacionais norte-americanas, inevitavelmente implícitas em um campo cada vez mais internacionalizado (Craig, 2012). O desejo do espírito de inclusão, diversidade e unidade do campo de estudos da comunicação nos Estados Unidos (EUA) favoreceria, já na última década do século passado, o estatuto de uma disciplina acadêmica diferente, afastada de qualquer interesse interdisciplinar (Craig, 2021, p. 3813).

As discussões e os acordos resultantes delineariam uma disciplina marcada por métodos característicos, linhas de pesquisa e teorias e modelos científicos. De acordo com Hawkins et al. (1988), Craig (2005; 2008) e Pfau (2008), o modelo das ciências da comunicação descreve a disciplina considerando cinco características marcantes: 1. as origens históricas do movimento interdisciplinar de pesquisa sobre comunicação de meados do século XX; 2. o crescimento acelerado e a consolidação institucional nas últimas quatro décadas do século XX; 3. a identidade da comunicação como uma ciência social prática; 4. a definição de uma disciplina variável com capacidade de abranger todos os *níveis de análise*; e 5. em função de que as ciências da comunicação ainda não tinham um núcleo teórico bem desenvolvido, reivindicou-se a necessidade urgente de reunificar a comunicação interpessoal e massiva para alcançar o desenvolvimento acabado de um núcleo teórico transversal na disciplina que gerará novas teorias para explicar como as mensagens poderiam exercer funções específicas através de uma gama de níveis de análise, do micro ao macro.

Na primeira década deste século, o crescimento do campo da comunicação em geral foi estimulado por uma fragmentação pujante, que já havia começado pela pressão implacável da especialização e pela grande demanda de experiência disciplinar e sua ênfase claramente aplicada, principalmente nos EUA (Donsbach, 2006; Pfau, 2008). Paralelamente, seria promovida uma estreita parceria e colaboração entre uma série de áreas profissionais, incluindo, entre outras, jornalismo e outros campos de mídia tradicional e digital, relações públicas, publicidade, formação intercultural e formação e consultoria organizacional. Por sua vez, os esforços institucionais que se manifestam no campo para resolver as inevitáveis tensões que surgiram entre as prioridades na formação profissional e a pesquisa acadêmica convergiram precariamente em questões normativas fundamentais e na abordagem de determinados problemas sociais (Donsbach, 2006).

Ao mesmo tempo, reconhecer-se-ia que a diversidade no campo da pesquisa tinha sido um problema ou, inclusive, seria celebrada como uma força, mas, em todo caso, ficou claro que ainda não tinha sido explorada para a produção de novos conhecimentos nem para a construção de uma perspectiva disciplinar mais rica e abrangente sobre a comunicação (Craig, 2008, pp. 18-19). Assim, o problema da definição de um núcleo disciplinar proveniente dos estudos de comunicação foi, em mais de um sentido, um problema central de comunicação devido à crescente complexidade e variabilidade cultural conforme foi expandido rapidamente no plano global (Craig, 2008, pp. 18). Paralelamente, a relevância prática do campo para importantes preocupações sociais e políticas, que se deslocariam da concentração da mídia para as campanhas de saúde pública e as novas formas de resolução de conflitos, aumentou o financiamento em pesquisa e reuniu não poucos acadêmicos da comunicação nos debates políticos. A questão latente nessa primeira década do século XXI não era se a discussão disciplinar terminaria, mas o que e como fazer para que a questão dos cruzamentos e limites da colaboração disciplinar realmente começasse (Craig, 2008, pp. 18). A rotinização inconsciente das práticas acadêmicas cotidianas no campo da pesquisa acadêmica em comunicação na primeira década deste século abriria, paralelamente à discussão tépida, mas constante acerca dos cruzamentos disciplinares com outros campos, uma estrutura ontológica e epistêmica inclusiva para discutir questões e problemas cruciais de comunicação. Para Craig (2012), por exemplo, não importava quão intelectual ou institucionalmente bem estabelecida a disciplina da comunicação permanecesse após os primeiros debates da década de 1980, sua posição é clara ao afirmar que muitas áreas do campo permanecerão “altamente interdisciplinares”

(p. 3814). Para Craig (2012), as áreas da comunicação centradas no contexto, como a comunicação no domínio da saúde e a comunicação política, transporiam substancialmente os limites disciplinares. Assim, ele afirma, por um lado, que a disciplina da comunicação permaneceria um campo de estudo inerentemente interdisciplinar e, por outro, questionaria: “a comunicação também pode ter um núcleo teórico que permita aos seus estudiosos abordar aspectos interdisciplinares de um ponto de vista disciplinar específico que agregue valor real ao empreendimento interdisciplinar?” (p. 3814).

Tudo parece indicar que o apelo levantado pelo próprio Craig (1999) de que um campo de conhecimento perfeitamente coerente produziria um campo estático foi cumprido, pelo menos no caso da comunicação. Efetivamente, a homogeneidade disciplinar do campo não apenas aumentou, mas as ações e estratégias de conservação eliminaram qualquer probabilidade de mudança. Assim, o campo da pesquisa manteve-se adotando estratégias de conservação tendentes a perpetuar a ordem científica e disciplinar estabelecida. Poucas posições e argumentos, em um cenário latente, defenderiam um trabalho teórico interdisciplinar no campo da comunicação, que reconheceria a comunicação como constitutiva dos indivíduos, de seus planos e metas; reconhecendo a necessidade de revisar as implicações sociais do “nosso próprio discurso” para definir e ampliar o significado da pesquisa em comunicação: os problemas, as práticas metadiscursivas, as perspectivas, os métodos e âmbitos de atuação na pesquisa em comunicação (Krippendorff, 2017, p. 98).

A PESQUISA SOBRE COMUNICAÇÃO: LIMITES DE COLABORAÇÃO (INTER)DISCIPLINAR

A posição ontológica central sobre o estatuto interdisciplinar da comunicação proclamada por Craig (2012) foi sutilmente abraçada por esporádicos consensos acadêmicos fundados em uma consciência propriamente prática. Na minha opinião, uma questão, esta última, vital para definir a relação da sua prática normativa com o sentido da pesquisa interdisciplinar. Na primeira década deste século, vários estudiosos propuseram entender o campo da pesquisa em comunicação como um campo de atuação interdisciplinar. Shoemaker (1993), Rowland (1993) e Pfau (2008) delineararam o campo da comunicação como um campo interdisciplinar e entenderam que as distintas tradições que nutrem a pesquisa em comunicação deveriam partir da análise do conhecimento da comunicação e das diversas epistemologias como um processo, levantando questões funcionais e relevantes para

os estudiosos da comunicação e das disciplinas afins (Pfau, 2008, p. 600). Katz (1983), por sua vez, confirmaria a necessidade de praticar a interdisciplinaridade na pesquisa em comunicação, replicando a importância de considerar a disciplina a partir da integração de diferentes perspectivas, aplicável a todos os processos de comunicação social. Ao mesmo tempo, Katz (1983) enfatizaria o fato de que o campo da comunicação acolhe, desde a sua criação, diferentes núcleos teóricos fora dos limites disciplinares, apesar de quase nunca ser reconhecido. Em contraste, não poucas vezes no plano internacional foram aumentando, já neste século, a indicação de que o campo da pesquisa em comunicação perdia suas raízes de identidade com as disciplinas básicas (sociologia, psicologia, ciências políticas, linguística, literatura, etc.), de forma que a pesquisa em comunicação dependia cada vez mais de aspectos empíricos e práticos que a própria dinâmica global impunha (Dervin & Song, 2004, pp. 27-31). Por exemplo, na Escandinávia, Nordenstreng (2007), ao debater sobre o estatuto ontológico e epistêmico da comunicação nessa região europeia, levantou como problema principal a distinção entre “disciplina e campo”, o que “deveria ser discutido ativamente em vez de varrido para debaixo do tapete” (p. 222). Nesse sentido, e como uma contribuição axiológica para as posturas anteriores, Nordenstreng (2007) definiu para que deveria servir a pesquisa em comunicação: para potencializar as habilidades humanas e produzir conhecimento para a manipulação de sistemas naturais e artificiais, algo que esse pesquisador europeu considerou muito relevante para os estudos futuros sobre comunicação (p. 220). Com uma análise crítica sobre o estatuto epistemológico da comunicação na Austrália e na Nova Zelândia, Penmann (2012, pp. 41-63) questionou se a comunicação como campo de estudo é realmente um campo interdisciplinar; pois, em sua opinião, o progresso no conhecimento comunicativo só seria possível através de uma estreita cooperação e sinergia entre várias disciplinas. Penmann (2012) concordou com o crescimento desmedido e fragmentado da disciplina na Austrália e defendeu a criação de uma teoria prática em comunicação, dadas as bases de inovação estabelecidas na edição especial de teoria da comunicação dedicada a essa abordagem (ver Craig & Barge, 2009, citados em Penmann, 2012, pp. 11-13). Nesse sentido, Calhoun e Rhoten (2017) asseguraram que o caráter inovador e interdisciplinar da comunicação dentro das ciências sociais era dado por sua integração com outros núcleos disciplinares, particularmente porque a pesquisa em comunicação como prática social estava direcionada para a resolução de problemas e pelo desejo de tornar o conhecimento disciplinar socialmente útil (p. 119).

Com efeito, apenas nos últimos anos, diversos campos do conhecimento e disciplinas estabeleceram relações diretas com a pesquisa em comunicação, apesar de terem identidades e desenvolvimentos institucionais abrangentes e distintos. Particularmente, a comunicação reforçou relações de integração com campos tradicionais como filosofia, sociologia, história, psicologia e o campo dos estudos literários, entre outros. Ao mesmo tempo, surgiram *ex officio* vastos campos interdisciplinares, como os estudos sobre biblioteconomia e ciências da informação; os estudos de ciência, tecnologia e sociedade; e os estudos de gênero, étnicos e LGBT, os quais compartilham até hoje algum tipo de relação teórica e prática direta com a comunicação. Somente na última década, poucos especialistas parecem duvidar que os estudos do jogo e os estudos visuais sejam campos de estudo interdisciplinares por natureza. Estes compartilham atualmente vários cruzamentos de integração importantes com o campo da pesquisa em comunicação. A internet, a inteligência artificial, a convergência tecnológica e a comunicação digital expandiram drasticamente esse território compartilhado (León-Duarte, 2022a). Evidentemente, diferentes campos, temas, objetos e problemas também surgiram como ramos ou subcampos mais ou menos independentes. As novas redes, plataformas e mídias digitais entraram como novas especialidades nos estudos de comunicação e mídia, muitas vezes tentando adquirir status próprio, com perspectivas particularmente complexas e desafiadoras.

OBJETIVO E PROJETO METODOLÓGICO

À luz dessas discussões, o que proponho neste trabalho é um conjunto de reflexões sobre possíveis domínios do conhecimento na pesquisa em comunicação, particularmente explorando o sentido da comunicação como prática normativa e sua relação com a pesquisa interdisciplinar. Embora seja razoável argumentar que qualquer esforço para consolidar um corpo de conhecimento para aplicações disciplinares específicas tem efeitos de exclusão, as reflexões propostas são uma tentativa de contribuir com os debates em andamento sobre uma possibilidade epistemológica real que poderia, afinal, aumentar as conexões cognitivas dos estudos de comunicação sem perder o protagonismo e a influência disciplinar entre a comunicação e outros domínios disciplinares, servindo, assim, como uma estrutura inclusiva para discutir questões de comunicação. Nestas discussões, contribuo com a identificação de formulações e questionamentos epistemológicos fundamentais na pesquisa em comunicação, seu raciocínio ético e na busca de significado sobre o sentido prático da

comunicação e sua relação com a pesquisa interdisciplinar. A maneira como as modalidades do conhecimento são abordadas em um domínio disciplinar específico, muitas vezes, permite o estudo e a compreensão sistemática de determinados fenômenos. É nesse contexto que devem ser entendidas as reflexões propostas, que podem guiar as modalidades de conhecimento sobre as quais se baseiam os estudos de comunicação na graduação e na pós-graduação. A argumentação gira em torno da suposição de que a disciplina da comunicação é eminentemente uma prática normativa e que já é uma disciplina que muitas vezes aborda problemas sociais complexos da vida diária contemporânea. Que, em sua tarefa de oferecer soluções mais explicativas com fins úteis, o estudo da comunicação muitas vezes irrompe no terreno comum e na integração com diversos núcleos disciplinares. Por essas razões, pode-se dizer que este texto faz referência a expectativas e cenários possíveis acerca do estatuto ontológico e epistêmico da comunicação enquanto campo de conhecimento aberto à integração com qualquer campo de conhecimento. Considerando a história das ideias, ele faz referência também ao horizonte de expectativas, em um sentido praxiológico, de que essa aproximação do conhecimento de sua história e contextos recentes poderia ajudar a definir e caracterizar o que Bertrand de Jouvenel cunhou como projetos futuristas e realizáveis: o máximo que se pode prever são os limites dentro dos quais se encontram os futuros disponíveis, e estes, pontua Bertrand de Jouvenel, não são apenas aqueles que podemos prever passivamente, mas, pelo contrário, os que podemos criar ativamente. Para esse tipo de futuro, Bertrand de Jouvenel (1965, pp. 32-35) cunhou o termo “futuribles”, aqueles que não ocorrem por si só, mas que podem ser provocados, adotando para isso atitudes e políticas sensatas.

Nesse sentido, o projeto e o processo metodológico de seleção, coleta e análise da informação implicou que todos os dados passassem por filtros cíclicos de organização e redução para definir significados e relações de domínios e experiências de conhecimento na pesquisa em comunicação, e caracterizar e definir o lugar que ocupam em função do objetivo desejado. O conjunto de reflexões sobre os domínios da pesquisa em comunicação e sua relação (ou não) com a pesquisa interdisciplinar emergiu na medida em que os dados foram confrontados e analisados por meio de três procedimentos específicos: o método de comparação constante, a codificação (aberta, axial e seletiva) e a amostragem teórica (Corbin & Strauss, 2014). A reflexão metodológica e de conteúdo se impõe no texto sob os seguintes questionamentos axiológicos e epistêmicos, que servem, por sua vez, como abordagens de apoio às diretrizes de conteúdo deste ensaio: que tipo de pesquisa em comunicação é a que a humanidade, no século XXI,

exige? Que tipo de pesquisadores da comunicação aspiramos a nos tornar para aprimorar a solução de problemas multidimensionais e complexos? É possível que as pesquisadoras e os pesquisadores da comunicação possam estabelecer cruzamentos disciplinares na solução de problemas complexos? Se assim for, que requisitos o objeto e o problema comunicacional devem cumprir para atender aos padrões da perspectiva de pesquisa interdisciplinar? Fundamento esses questionamentos principalmente com referência documental, teórica e metodológica acerca da crescente literatura mundial sobre pesquisa interdisciplinar (León-Duarte, 2022b). Também, nas mudanças históricas documentadas não apenas no âmbito de estudo do campo interdisciplinar, mas no próprio conhecimento acadêmico disciplinar, considerando algumas descobertas recentes de pesquisa (León-Duarte, 2022a, 2022c, 2022d).

A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO: CRITÉRIOS (INTER)DISCIPLINARES ESTRUTURAIIS

As fronteiras existentes entre a comunicação e os diferentes campos do conhecimento são cada vez mais difíceis de justificar, independentemente das poderosas dependências que respaldam seu sequestro mútuo (León-Duarte, 2022d; Pooley, 2016). Os esforços criativos para resolver as inevitáveis tensões que surgem entre as diferentes necessidades ou prioridades de valor na formação profissional *versus* a pesquisa acadêmica sobre comunicação podem, em uma visão otimista, transformar ambos os tipos de trabalho de forma construtiva. As pesquisadoras e os pesquisadores acadêmicos que possam diferir em relação ao compromisso epistemológico da comunicação (seja qual for) ainda concordam que a pesquisa em comunicação deve ser aplicável a certas questões normativas fundamentais à resolução de problemas sociais complexos que nos acompanharam ontem e continuam acompanhando hoje (Deetz 1994; Donsbach 2006; Frodeman, 2013; León-Duarte, 2022c). Até aqui, pode-se antecipar a conclusão provisória de que existe uma interseção axiomática de fronteiras disciplinares no campo de estudos da comunicação e da mídia. Não obstante, pode-se considerar também que ainda não existe um consenso acadêmico claro sobre o sentido e o significado prático que a pesquisa em comunicação possa ter em uma perspectiva interdisciplinar.

Em um polo acadêmico, argumenta-se que a interdisciplinaridade é uma virtude para a erudição e o impacto da comunicação neste século. De forma contrária, seu polo oposto defende que a pesquisa interdisciplinar mina o desenvolvimento do conhecimento básico e especializado da comunicação, desconhecendo, portanto, uma regra básica da teoria e da prática

interdisciplinar: a perspectiva interdisciplinar existe apenas na medida em que existam diferentes contribuições disciplinares que a sustentem (León-Duarte, 2015). Ou seja, a prática interdisciplinar não pode existir se as disciplinas não existirem. Independentemente disso, nossa posição a respeito disso é valorizar, com a mera força das razões e dos argumentos, a existência (ou não) de indicadores e expressões diretas, não heterônomos, que possam apoiar o sentido prático da pesquisa em comunicação e sua relação com a pesquisa interdisciplinar. Em caso afirmativo, resgatar, sistematizar e expor, em termos de prática normativa, as experiências a respeito. Inicialmente, o questionamento consistiu em dar conta de indicadores e critérios estruturais rígidos que pudessem servir para avaliar a expressão e o desenvolvimento institucional de um campo disciplinar. Critérios habituais tanto para a prática acadêmica do subcampo da pesquisa como para a prática institucionalizada de geração do conhecimento que fossem acessíveis e compartilhados por e para todos os membros de um campo acadêmico. Recordemos aqui que uma prática acadêmica científica no campo da comunicação nunca aparecerá como desinteressada mais do que por referência direta a interesses produzidos e exigidos pelos próprios pesquisadores, coletivos ou associações de pesquisa e instituições, que são as verdadeiras fontes do capital científico do campo da comunicação (León-Duarte, 2007). Em um segundo momento, procedeu-se, por um lado, a revisar as experiências de pesquisa em comunicação que ocorrem em uma das principais associações de pesquisa em comunicação do mundo, a Associação Internacional de Comunicação (ICA, na sigla em inglês). A ICA tem, há mais de 70 anos, o objetivo de avançar no estudo acadêmico da comunicação, fomentando e facilitando a excelência na pesquisa acadêmica em todo o mundo. Além disso, é uma associação verdadeiramente internacional, pois conta com mais de 5.000 membros ativos, provenientes de mais de 80 países. Em 2019, a ICA decidiu concentrar sua reunião na compreensão do papel da comunicação nos debates interdisciplinares. O tema da conferência ICA 2019 foi “Além das fronteiras” e teve como objetivo central “compreender o papel da comunicação e da mídia no cruzamento dos limites sociais, políticos e culturais que caracterizam a sociedade contemporânea” para “fomentar a pesquisa que ultrapassa os limites dos domínios de pesquisa, de campos particulares da pesquisa e da academia e do mundo exterior” (ICA, 2019). Como pedido especial para os conferencistas, foi solicitado que “as submissões à ICA de 2019 demonstrassem seu potencial de ultrapassar esses limites: focassem a questão do cruzamento de fronteiras disciplinares; demonstrassem a necessidade de colaboração em pesquisa através de fronteiras

disciplinares dentro da pesquisa em comunicação e entre a comunicação e outras disciplinas e campos” (ICA, 2019). A justificativa central foi o papel complexo que a comunicação e a mídia hoje desempenham, tanto em formato digital quanto analógico, particularmente no que diz respeito ao surgimento de movimentos que pretendem impedir os fenômenos e progressos da comunicação que hoje cruzam fronteiras, por exemplo, nos “nacionalismos populistas que desafiam as declarações sobre o avanço irrevogável da globalização”; ou no “papel dos tabloides na divulgação do voto do Brexit”; ou em “movimentos conservadores que empregam o legado e as redes sociais para protestar contra o politicamente correto e a política de identidade” e no “racismo que cresce nas comunidades de ódio *online*”; ou “a comunicação e a mídia para ajudar a resolver os problemas de nossa época, que vão desde guerra e terror, violações dos direitos humanos, mudanças climáticas, notícias falsas, falsidade ideológica e predadores sexuais (*online*)” (ICA, 2019).

Tais padrões, de acordo com o que a própria Associação Internacional de Comunicação observa, enfatizam a consideração oportuna da natureza transfronteiriça e complexa da comunicação, bem como a relevância e o impacto da comunicação contemporânea. De acordo com a convocatória da reunião 2019 da ICA, o que é necessário para enfrentar esses desafios na pesquisa de comunicação contemporânea é

garantir uma pesquisa interdisciplinar que atravessa os silos de disciplinas e campos de pesquisa. . . [para] . . . incentivar a pesquisa que atravessa os domínios de pesquisa específicos e os limites construídos por campos específicos de interesse de pesquisa. (ICA, 2019)

As questões centrais que se buscou responder na reunião anual da ICA 2019 foram: como entender o papel da comunicação na evolução dos cruzamentos de fronteiras na política, na cultura e na sociedade? Qual é o papel da comunicação nos contramovimentos que se opõem e/ou retificam o cruzamento de fronteiras globalizantes? Onde é necessário conectar linhas de pesquisa em comunicação para abordar as questões e os problemas do cruzamento disciplinar contemporâneo? Como a pesquisa em comunicação pode informar e ser informada por outras disciplinas acadêmicas na compreensão dessas tendências de cruzamento de fronteiras? Qual é o papel dos acadêmicos no processo de ultrapassar os limites da academia em direção à sociedade como consultores de políticas, ativistas e ONGs, pesquisadores da indústria ou usuários finais de serviços de comunicação?

Por outro lado, procedeu-se a buscar outro indicador que é central na constituição de um campo acadêmico, enquanto permite definir e caracterizar

tanto a prática da pesquisa científica quanto a expressão direta da estrutura e a distribuição do capital científico que nutre o campo nos últimos anos, nesse caso, buscando manter uma certa consistência temporal com o primeiro princípio estrutural. Ou seja, tentar nos aproximar de saber como é distribuído o reconhecimento ou crédito que é concedido a um(a) pesquisador(a) ou grupo de pesquisadores e disciplinas pelo conjunto de pares e concorrentes dentro do campo científico e em relação ao tema em questão, além de suas representações. O estudo de Yuner e King-Wa (2019) examinou 93 revistas especializadas de comunicação no Social Science Citation Index, índice de citação pertencente à Clarivate Analytics, uma base de dados internacional reconhecida que registra mundialmente os artigos mais citados por outros artigos. Nesse estudo foram registrados os padrões de citação e o registro de citações por outras disciplinas, que não a comunicação, entre 1997 e 2016. A análise revelou que nas ciências sociais se recebem quatro vezes mais citações do que nas ciências naturais, e que as citações estritamente interdisciplinares são lideradas por disciplinas como a comunicação.

O estudo de Yuner e King-Wa (2019) afirma, ainda, que houve uma diminuição significativa no domínio das ciências psicológicas e do comportamento, um dos vizinhos mais próximos da comunicação por muito tempo. Os autores do estudo sustentam o fato de que citar disciplinas altamente interdisciplinares como afirmam que seja o campo de estudos da comunicação, mesmo para além das ciências sociais, aumenta fortemente o impacto de citação. Ou o inverso, citar apenas disciplinas dificilmente melhora o indicador de fator de impacto e, conseqüentemente, o papel das citações no campo da comunicação é mínimo (p. 273-297). Como se observa, a posição, a composição e a distribuição do capital científico pode ser um importante indicador se o nosso questionamento objetiva conhecer, em um dado momento, o resultado particular que uma disciplina ocupa, uma perspectiva de pesquisa e, inclusive, determinado hábito de pesquisa, assim como o conjunto de estratégias atuais e anteriores que um acadêmico e seus pares pesquisadores têm em uma prática normativa (inter)disciplinar. Sem dúvida, tais estratégias dependerão também das próprias relações de força entre as e os protagonistas, isto é, da maneira como se distribui o reconhecimento do capital científico e de onde é gerada esta ou aquela posição (León-Duarte, 2007, p. 40-41).

A COMUNICAÇÃO COMO PRÁTICA NORMATIVA (INTER)DISCIPLINAR

Como veremos a seguir, o sentido prático da pesquisa em comunicação radica na possibilidade cognitiva do acadêmico(a) de delimitar e criar um novo espaço que conecte e facilite o papel da comunicação de potencializar a compreensão e a solução de problemas complexos, partindo do fundamento de que talvez essa solução também possa extrapolar os limites de uma visão disciplinar. Parte-se do reconhecimento de que muitos dos desafios contemporâneos na pesquisa em comunicação se devem a desafios propriamente interdisciplinares. Portanto, me filio à ideia de que valeria a pena tornar a (re)pensar a posição de Craig (2018, 2022) sobre a perspectiva da comunicação como prática. Na minha opinião, essa perspectiva serve à teoria e à metodologia da pesquisa em comunicação como prática interdisciplinar para entender e transformar nossa compreensão sobre a relação normativa entre teoria e prática da comunicação tanto quanto a interdisciplinar. Também, porque sou veementemente convicto de que ela contribui para desenvolver e aumentar a consciência crítica discursiva tanto quanto a capacidade de produzir um conhecimento sensato nas práticas sociais e em sua capacidade de discutir permanentemente esse conhecimento. O apelo de Craig (2018, 2022) é de que a comunicação como prática deve necessariamente transformar nossa compreensão acerca da relação teoria-prática. Por esse motivo, ele entende que a perspectiva da comunicação como prática sugere uma maneira completamente diferente de entender a teoria e a prática por meio de três princípios:

1. *A teoria da comunicação é uma prática e deve ser cultivada.* Nesse ponto, Craig (2005, p. 42, 2022, p. 59) argumenta que a teoria da comunicação é, independentemente do que ela possa ser de outras perspectivas científicas ou filosóficas, uma prática metadiscursiva, isto é, um conjunto de formas discursivas concebidas por especialistas para falar sobre comunicação e que estão disponíveis para ser usadas no discurso cotidiano. O sentido da capacidade de intervir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade em matéria de comunicação, a teoria da comunicação como prática seria levada ao plano da disseminação e da difusão científica. No dia a dia, esses discursos teoricamente informados a partir da comunicação seriam matéria de difusão e divulgação social através da sociedade, na medida em que as pessoas estejam expostas a elas e na medida também de que cumpram com determinados propósitos e forneçam respostas a necessidades sociais.

2. *A teoria fornece maneiras de interpretar o conhecimento prático: pesquisa deliberativa.* O conhecimento prático, Craig (2005, p. 42) nos indica, é a base da nossa capacidade de desempenhar corretamente nosso papel como participantes de uma prática social, e é amplamente tácito e inconsciente. Craig (2005, p. 43) afirma que a teoria contribui com o desenvolvimento da consciência discursiva do acadêmico e pode permitir-lhe desenvolver a capacidade do conhecimento consciente das práticas sociais e a capacidade de discutir com conhecimento. Deve-se lembrar que o conhecimento prático vem apenas com o acúmulo de experiência direta. Por isso, a consciência discursiva do acadêmico permite desenvolver atividades como a reflexão, a crítica e o planejamento explícito, moldando assim a conduta prática (Craig, 2005, p. 43). Ou seja, uma teoria da comunicação poderia fornecer não apenas muitas formas metadiscursivas específicas para interpretar o conhecimento prático, mas também diferentes formas de focar criticamente a atenção em detalhes importantes de uma situação e tecê-los em uma rede de conceitos que eventualmente pudessem produzir novas visões de experiência, sentidos e significados em conexões e linhas de ação que talvez antes aparecessem despercebidas. No caso da pesquisa deliberativa em uma disciplina prática como a comunicação, Craig (2022, pp. 61-63) argumenta que o questionamento pode justificar vários métodos, que vão de experimentos científicos e observações empíricas até estudos históricos e críticos e reflexão filosófica. Cada um desses métodos de pesquisa pode servir ao amplo propósito de uma disciplina prática, indicando a deliberação e a resolução de problemas (Craig, 2018, p. 291).
3. *A teoria é fundamentalmente uma prática normativa: metadiscurso.* A posição de Craig é de que o discurso sobre uma prática de comunicação é fundamentalmente uma prática normativa metadiscursiva, pois refere-se à definição de elementos que constituem a própria prática, a coordenação e a regulação de atividades, a decisão sobre quais objetivos são importantes e quais não são; a emissão de pareceres avaliativos, etc. Por isso, Craig (2005, pp. 43-45) aponta que os ideais normativos não devem ser tomados como garantidos na teoria ou na prática. Pelo contrário, a prática da teoria da comunicação contribui com o metadiscurso normativo que constitui e regula a prática da comunicação na nossa cultura.

PESQUISA SOBRE COMUNICAÇÃO: A PRÁTICA DA COMUNICAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Como já apontamos em outra edição desta revista (León-Duarte, 2021), a teoria científica da comunicação pode ser concebida como o conjunto de afirmações abstratas conectadas logicamente e a partir das quais podem se derivar hipóteses e explicações empiricamente comprováveis do ato e/ou fenômeno comunicativo (León-Duarte, 2021, p. 103). Assim, o papel da teoria seria o de conceituar e dispor teoricamente modelos simbólicos que consigam explicar, desenvolver, criticar e potencialmente transformar a realidade da comunicação em si. Recordemos que, de acordo com a posição de Craig (1999), o campo da comunicação constituiu-se principalmente em um contexto de construtivismo social e como um metadiscorso direcionado à resolução de problemas sobre comunicação. Sua composição estrutural formal pode variar de apresentações verbais relativamente discursivas a sistemas axiomáticos ou matemáticos formais. Por essa razão, Craig (2016) classifica a teoria com base em dois princípios: por um lado, como um metamodelo constitutivo de comunicação; por outro, como teoria da comunicação enquanto prática metadiscursiva. Em relação ao primeiro, Craig (2016) destaca que ele é explicitamente projetado para conceber a comunicação como uma disciplina prática (p. 120). No segundo princípio, Craig (2019) argumenta que, para cultivar a prática social da comunicação por meio da disposição dos recursos teóricos do campo, é necessário abordar os problemas práticos da comunicação no âmbito da vivência e na vida cotidiana. Na minha opinião, essa justificativa teórica feita por Craig (1999) é dada para melhor sustentar o discurso histórico normativo sobre a comunicação, entre outras, o que chamamos de teorias e modelos da comunicação, que têm desenvolvido um papel ativo no cultivo da prática da comunicação na sociedade contemporânea (ver Craig, 2012, 2019). Justamente por esse motivo, Craig argumenta que, em geral, as práticas têm um aspecto conceitual e que, por isso, aprender uma prática de comunicação complexa envolve aprender um conjunto de conceitos verbais a ser usados para fins práticos. De acordo com Craig (2005), uma prática de comunicação também pode ser definida como um conjunto coerente de atividades que são significativas para um momento e um contexto social específicos (p. 40). No caso da pesquisa interdisciplinar, esta pode ser entendida como um modo de pesquisa grupal ou individual, que integra informações, dados, técnicas, ferramentas, perspectivas, conceitos e/ou teorias de duas ou mais disciplinas ou corpos de conhecimento especializado para avançar na compreensão ou para resolver problemas cujas soluções

estão além do escopo de uma única disciplina ou área de prática de pesquisa (NAS, 2005, pp. 26-40).

Normalmente, a pesquisa interdisciplinar é pluralista em método e abordagem. Na prática, pode ser impulsionada pela curiosidade científica ou, como observa Craig (2005), por necessidades práticas que são significativas para um contexto e um momento específicos (p. 40). Nesse sentido, a prática disciplinar e interdisciplinar no campo de estudos da comunicação está rapidamente se tornando uma característica integral da pesquisa em ciências sociais como resultado de quatro poderosos fatores: 1. a complexidade inerente à natureza e à sociedade; 2. o desejo de explorar problemas e questões que não se limitam a uma única disciplina; 3. a necessidade de resolver problemas sociais complexos; e 4. o poder da cultura digital e das novas tecnologias (Calhoun & Rhoten, 2017, p. 113-116). No caso da pesquisa em ciências sociais, assim como na pesquisa em comunicação, ainda não estão totalmente claros os processos que definem a pesquisa interdisciplinar como bem-sucedida. No entanto, pode-se dizer que pesquisadores interdisciplinares bem-sucedidos encontraram maneiras de integrar e sintetizar a profundidade disciplinar com uma amplitude de interesses, visões e habilidades que igualmente exigem um determinado suporte institucional (Allmendinger, 2015; Bogdan et al., 2018; De Boer, et al., 2020). Deve-se considerar, portanto, que as e os pesquisadoras/es individuais envolvidas/os na pesquisa interdisciplinar demandam um ambiente de apoio que lhes permita trabalhar em várias disciplinas e departamentos, e ser avaliados e recompensados de maneira justa tanto por seu trabalho interdisciplinar como disciplinar. Talvez um mérito inquestionável venha da responsabilidade acadêmica de explicar e demonstrar os benefícios da pesquisa para se aventurar em novos campos e estar abertos às culturas e valores de outras disciplinas.

Até onde sabemos, o livro mais célebre e abrangente sobre interdisciplinaridade no mundo foi escrito pela pesquisadora mais respeitada no campo dos estudos interdisciplinares, Julie T. Klein (1990). Seu estudo revela detalhadamente os principais marcos do debate contemporâneo sobre estudos interdisciplinares nos EUA e no mundo, os quais iniciam com as inquietantes discussões geradas pela perda de unidade da ciência e pelas possibilidades de reunificá-la a partir da interdisciplinaridade (León-Duarte, 2022b, Neurath, 1938). Diante das críticas de que o trabalho interdisciplinar muitas vezes carece de rigor, Klein (1990) apontou que o rigor na interdisciplinaridade não diminuiu, mas se deslocou dos critérios disciplinares para um novo objetivo interdisciplinar: o rigor interdisciplinar. Embora não existam formalmente padrões acadêmicos definidos para julgar trabalhos interdisciplinares, os três critérios de excelência disciplinar

colocados por Schneider (1977) são consistentes e apropriados para esta discussão: 1. clareza conceitual; 2. clareza das integrações interdisciplinares; e 3. clareza na utilização da integração do conhecimento disciplinar e do terreno comum que define os campos do conhecimento envolvidos para ajudar a resolver um problema ou para levantar ou avançar o conhecimento sobre um problema complexo ou emergente.

Além disso, esses critérios (inter)disciplinares também ajudam a orientar o grau de desenvolvimento de uma prática científica e do seu discurso normativo, como a pesquisa interdisciplinar. Esse discurso normativo seria caracterizado, de acordo com a teoria prática de Craig (2005), por práticas discursivas específicas. Em sua construção diária, tais práticas podem se tornar tão elaboradas e especializadas quanto no campo acadêmico da comunicação. Por exemplo, podem começar com o estudo da prática comunicativa, lendo e escrevendo um livro e ministrando cursos de formação. Nesse processo, uma disciplina acadêmica pode evoluir até se tornar um elemento constitutivo de uma prática cultural: “Do meu ponto de vista, foi assim que essencialmente surgiu a disciplina acadêmica dos estudos de comunicação, e é como ela vem se relacionando com a prática da comunicação” (Craig, 2005, p. 39). No entanto, deve-se notar, como afirma o próprio Craig (2005), que, para falar de comunicação como prática interdisciplinar, deve haver um conceito cultural de comunicação que diga respeito ao tipo geral de prática em que as pessoas, nesse caso, as e os acadêmicas/os pesquisadoras/es do âmbito, se envolvem de maneira significativa toda vez que se comunicam (p. 40).

Na minha opinião, esse conceito já existe na teoria e na prática interdisciplinares. Como elaborado em León-Duarte (2022d), esse conceito é o de comunicação interdisciplinar. Pode-se entender por comunicação interdisciplinar a prática cognitiva de reunir as variadas suposições, perspectivas, teorias, conceitos, valores e princípios disciplinares com o objetivo de criar uma área ou terreno integrador no processo de implementação da pesquisa interdisciplinar (León-Duarte, 2022d). Ou seja, o processo cognitivo crítico de examinar as percepções e os núcleos teóricos disciplinares a ser integrados em uma perspectiva interdisciplinar dependeria do conceito de prática de comunicação interdisciplinar. Nesse sentido, de todas as disciplinas acadêmicas, a comunicação é a única que possibilita cultivar a prática interdisciplinar por meio da disposição dos recursos teóricos e práticos de comunicação. É, também, a única disciplina que possibilita o diálogo entre conhecimentos, suposições e visões com o propósito de integrar saberes disciplinares para determinar tanto a validade teórica como as práticas normativas a fim de executá-las na resolução de problemas complexos. Essa nova visão integrativa seria o produto ou o resultado da comunicação interdisciplinar

(León-Duarte, 2022b; Repko et al., 2019, pp. 203-207). É importante ressaltar que a comunicação interdisciplinar pode se dar em vários estágios do processo de pesquisa interdisciplinar (León-Duarte, 2022d; Pohl et al., 2021, pp. 18-26). Por essa razão, o conceito de prática cultural de comunicação interdisciplinar teria a capacidade de regulação e poderia evoluir dentro do processo de pesquisa interdisciplinar até se tornar o elemento constitutivo mais importante de sua prática interdisciplinar, a ponto de possibilitar o processo de invenção de uma nova linguagem e metadiscursos: um que transgrida, inclusive, a integração de gêneros discursivos disciplinares anteriormente existentes, ou seja, a cocriação inovadora daqueles gêneros e práticas discursivas que arriscaram e renunciaram a suas identidades disciplinares anteriores (León-Duarte, 2022b, 2022c, 2022d; Holbrook, 2013, p. 1875).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas formas comuns de falar sobre o sentido prático interdisciplinar na pesquisa em comunicação forneceriam, de acordo com o argumento com que trabalhamos neste ensaio, uma escala específica de critérios e significados para a comunidade acadêmica. A teoria e a prática da comunicação interdisciplinar também é um problema normativo que demanda reflexão sobre as maneiras como a teoria deve ser relevante para a prática e, além disso, sobre a nossa conduta prática como acadêmicos de comunicação dever ou não ser guiada por ideais e princípios abstratos específicos. A teoria e a prática da comunicação interdisciplinar podem ser igualmente um problema empírico que merece muito mais atenção do que recebeu até agora na pesquisa em comunicação (Craig, 2016, p. 18; León-Duarte, 2022d). Por exemplo, no caso do termo “metapesquisa em comunicação”, que faz referência a uma variedade específica de práticas acadêmicas discursivas e formas significativas de falar da pesquisa sobre a pesquisa de comunicação com objetivos práticos. Assim, quando Piñuel-Raigada (2011) menciona o desafio de responder ao questionamento: em qual categoria de pesquisa nos incluiríamos como pesquisadores(as) universitários: *em, de e/ou sobre* comunicação? Piñuel Raigada (2011) argumenta que, de acordo com a evidência coletada por um censo constituído de aproximadamente 2.500 pesquisadores da comunicação em nível mundial, as e os pesquisadores/as em questão se colocaram “um tanto quanto longe de serem pesquisadores de comunicação” como uma disciplina de estudo com um “saber” e um “fazer” especializado e com reconhecimento social (Piñuel Raigada, 2011, pp. 42-44). Ou seja, existe, em geral, uma autopercepção adquirida

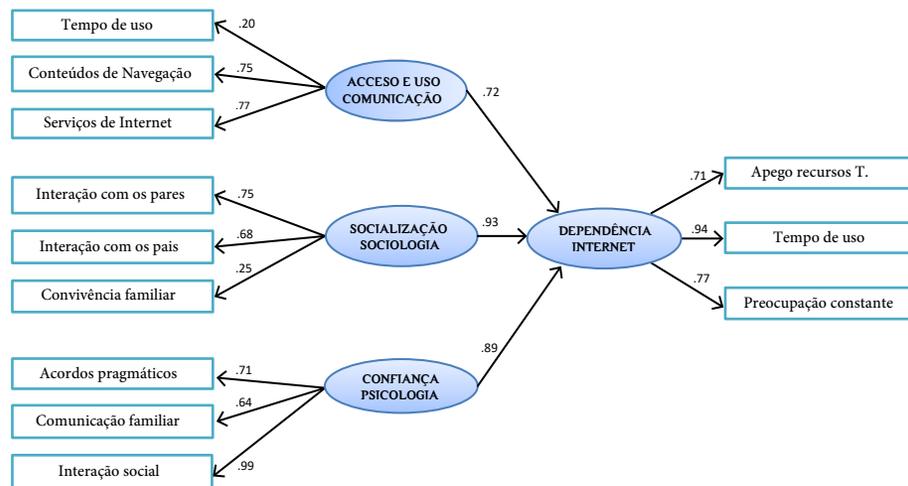
de que “estamos em processo de” conseguir que a pesquisa *sobre* comunicação nos torne especialistas de uma disciplina com reconhecimento social (Piñuel Raigada, 2011, p. 42). A propósito, nesse mesmo estudo questionou-se se nos principais campos de referência para o conhecimento da comunicação predominava alguma perspectiva, entre elas as perspectivas histórica, interdisciplinar, sociológica, antropológica, semiótica e psicológica, ou se, pelo contrário, não predominava nenhuma das anteriores. Os resultados mostraram que mais da metade do corpo docente de língua espanhola, francesa, inglesa, portuguesa e alemã observou que em seus programas de teoria da comunicação existe um paradigma interdisciplinar dominante (Piñuel Raigada, 2011). Nesse sentido, quero trazer, finalmente, uma das funções da teoria científica em comunicação, que interessa particularmente enfatizar aqui porque ajuda a definir a relação e o sentido prático entre a pesquisa da comunicação e a interdisciplinar. Essa função é a regularidade dos fenômenos empíricos no que se refere aos processos funcionais ou causais que os produzem (Craig, 2013, p. 45). Em teoria, explicações científicas bem-sucedidas permitem que as e os pesquisadores(as) do campo da comunicação compreendam, prevejam estatisticamente e potencialmente controlem a ocorrência de eventos empíricos. No processo de pesquisa interdisciplinar, considera-se crucial que os conceitos e enunciados que compõem a teoria e a prática interdisciplinares sejam amplamente explicados por meio de uma clareza teórica operacional, com o objetivo de permitir a comprovação empírica das hipóteses derivadas, como ocorre habitualmente no campo da comunicação. Por exemplo, a partir da categoria de campo intelectual criador, uma categoria de análise que demonstrou alto valor dentro da sociologia e da teoria dos campos de Pierre Bourdieu (2002) foi empregada para observar, descrever e explicar o comportamento das práticas de produção, circulação e consumo jornalístico (León-Duarte, 2019). Na medida em que uma teoria demanda representar o fenômeno de interesse, pode-se dizer que tem, consequentemente, uma forma conceitual que pode ser moldada. Assim, tal exemplo poderia significar não apenas uma nova forma de engajamento reflexivo, mas também uma proposta prática alternativa para representar componentes, relações e processos importantes para o estudo da estrutura e a distribuição do capital científico do campo jornalístico, bem como uma representação coerente das relações, usos e significados em sua metapesquisa (León-Duarte, 2019, pp. 41-58). Por outro lado, a função da regularidade em determinados fenômenos empíricos estimulou o interesse de diferentes estudos, perspectivas e métodos explícitos na – e para a – construção de teorias. Embora essa tendência possa ser provável, Craig (2013) propõe desenvolver conhecimentos especializados

com explicações realistas em que cada acadêmico(a) se concentre em uma abordagem, baseado no reconhecimento das limitações e na confiabilidade ocasional das próprias suposições, de modo que este nos inspire ocasionalmente a aprender algo relevante (p. 54). Complementarmente, Price (2014) argumenta que uma explicação realista é aquela que vai além da análise de variáveis, pois torna compreensíveis os padrões dos eventos estudados, mostrando que eles se encaixam em um princípio geral que também explica uma ampla gama de outros eventos. Por exemplo, quando um especialista das ciências sociais aborda estudos como os efeitos da comunicação digital e os fenômenos que a internet produz, ou as relações interativas de crianças e jovens mexicanos com as tecnologias digitais em geral, certamente pode adotar diferentes pontos de vista sobre o fenômeno, diferentes posições que lhe permitem aproximar-se de sua compreensão (León-Duarte et al., 2016, pp. 616-631). Uma explicação realista definiria que o contexto de entendimento da comunicação atual é também a internet e as plataformas, meios de comunicação e redes sociais digitais, os quais definitivamente podem agravar os riscos de a criança e o jovem estarem “*on-line*”. Um exemplo seriam as condutas e ações destinadas a reforçar o *bullying*, o assédio e a exposição à pornografia. Ou a alta dependência em relação a dispositivos tecnológicos como o telefone celular e a Internet. Nesse último caso, alguns modelos são conhecidos como Transtorno de Dependência da Internet – Internet Addiction Disorder (IAD) –, o uso compulsivo da internet – Compulsive Internet Use (CIU)– e o uso patológico da internet – Pathological Internet Use (PIU). Testando modelos interdisciplinares inclusivos na dependência da internet em jovens (León-Duarte et al., 2016), propôs-se analisar e testar quando e por que a integração de um modelo interdisciplinar era necessária para explicar e prever a variável dependência da internet em crianças e jovens mexicanos. Esse modelo inclusivo (ver Figura 1), utilizado durante a década 2009-2018, contemplou não apenas as relações particulares das disciplinas e modelos contribuintes (comunicação, sociologia e psicologia), mas também as interações entre contextos, objetos e contribuições específicas dos diferentes campos do conhecimento. As estratégias de elaboração e implementação do modelo interdisciplinar seguem a proposta do multiplismo crítico sugerida por Shadish (1986, pp. 75-103, 1993, pp. 13-57), especificamente para contemplar diversos modelos restritos específicos à postulação do modelo interdisciplinar inclusivo. Com a aplicação do multiplismo crítico e dos modelos inclusivos e restritos, buscou-se estabelecer a relação entre fatores disciplinares como a validade na integração teórica e a confiabilidade do instrumento. Ou seja, determinar se o instrumento empregado mediu o que pretendia medir e quão

consistente era. Ao aplicar teorias e modelos de comunicação e outros campos de conhecimento numa perspectiva de pesquisa interdisciplinar, a pesquisa empírica e metodologicamente sólida contribuiu para responder a questões relevantes sobre o papel da comunicação na geração interativa mexicana, incluindo a dependência da Internet (León-Duarte et al., 2016, pp. 616-631). ■

Figura 1

Modelo interdisciplinar para explicar dependência de Internet en niños y jóvenes mexicanos



$\chi^2 = 54.99$ (gl 24) P .00; BBNFI = .868; BBNFI = .878 CFI = .918; RMSEA = .081; $R^2 = .88$; Alpha: 709
León-Duarte, Contreras, & Moreno, 2016.

REFERÊNCIAS

Allmendinger, J. (2015). *Quests for interdisciplinarity: A challenge for the era and horizon 2020*. Policy Brief by the Research, Innovation, and Science Policy Experts (RISE).

Bogdan, L., Philippe, K., Tobias, S., & Theodoros V. (Eds.). (2018). *Integration of social sciences and humanities in horizon 2020: Participants, budget and disciplined*. Publications Office of the European Union.

Bourdieu, P. (2002). *Campo de poder, campo intelectual*. Montresor.

Calhoun, C., & Rhoten, D. (2017). Integrating the social sciences: Theoretical knowledge, methodological tools, and practical applications. In R. Frodeman, J. T. Klein & C. Mitcham (Eds.), *The Oxford handbook of interdisciplinarity* (pp. 103-118). Oxford University Press.

- Corbin, J., & Strauss, A. (2014). *Basics of qualitative research*. Sage.
- Craig, R. T. (1999). Communication theory as a field. *Communication Theory*, 9(2), 119-161. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.1999.tb00355.x>
- Craig, R. T. (2005). Communication as a practice. In G. Shepherd, J. St. John & T. Striphas (Eds.), *Communication as: Perspectives on theory* (pp. 38-47). Sage.
- Craig, R. T. (2008). Communication in the conversation of disciplines. *Russian Journal of Communication*, 1(1), 7-23. <https://doi.org/10.1080/19409419.2008.10756694>
- Craig, R. T. (2012). Communication as a field and discipline. In W. Donsbach (Ed.), *The international encyclopedia of communication* (Vol. 8, 2a ed., pp. 3811-3816). Wiley-Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781405186407.wbiecc074>
- Craig, R. T. (2013). 3 Constructing theories in communication research. In P. Cobby & P. Schulz. (Eds.), *Theories and Models of Communication* (pp. 39-58). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110240450.39>
- Craig, R. T. (2016). Pragmatist realism in communication theory. *European Journal for the Philosophy of Communication*, 7(2), 115-128. https://doi.org/10.1386/ejpc.7.2.115_1
- Craig, R. T. (2018). For a practical discipline. *Journal of Communication*, 68(2), 289-297. <https://doi.org/10.1093/joc/jqx013>
- Craig, R. T. (2019). Welcome to the metamodel: A reply to Pablé. *European Journal for the Philosophy of Communication*, 10(1), 101-108. https://doi.org/10.1386/ejpc.10.1.101_1
- Craig, R. T. (2022). Communication research and education for a practical discipline. In J. Muñoz Uribe (Ed.), *La formación en comunicación: Visiones de una formación futura: Conceptos y aproximaciones* (pp. 51-75). Pontificia Universidad Católica de Ecuador.
- De Boer, H. F., Huisman, J., Jongbloed, B. W. A., Kolster, R., van der Meulen, B. J. R., Bok, C., & Van Lancker, W. (2020). *Prospective report on the future of transnational collaboration in European higher education*. Directorate General for Education, Youth, Sport and Culture. <https://doi.org/10.2766/098140>
- Deetz, S. (Ed.). (1994). *Communication Yearbook 17* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203856741>
- Dervin, B., & Song, M. (2004, 27-31 de mayo). Communication as a field-historical origins, diversity as strength/weakness, orientation toward research in the public interest: 54 ruminations from field grandparents, parents, and a few feisty grandchildren [Presentación de trabajo]. *International Communication Association Annual Meeting*, Louisiana, NO, United States.
- Donsbach, W. (2006). The identity of communication research. *Journal of Communication*, 56(3), 437-448. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00294.x>

- Frodeman, R. (2013). Interdisciplinarity, communication, and the limits of knowledge. In M. O'Rourke, S. Crowley, D. Eigenbrode & D. Wulfhorst (Eds.), *Enhancing communication & collaboration in interdisciplinary research* (pp. 103-116). Sage.
- Hawkins, R., Wiemann, J., & Pingree, S. (Eds.). (1988). *Advancing communication science: Merging mass and interpersonal processes*. Sage.
- Holbrook, J. B. (2013). What is interdisciplinary communication? Reflections on the very idea of disciplinary integration. *Synthese*, 190, 1865-1879. <https://doi.org/10.1007/s11229-012-0179-7>
- International Communication Association. (2019, 24-28 de mayo). 2019 conference calls for papers. <https://www.icahdq.org/page/PastFuture>
- Jouvenel, B. (1965). *L'art de la Conjecture*. Sedeis.
- Katz, E. (1983). The return of the humanities and sociology. *Journal of Communication*, 33(3), 51-52. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1983.tb02405.x>
- Klein, J. (1990). *Interdisciplinarity: History, theory, and practice*. Wayne State University Press.
- Krippendorff, K. (2017). Three concepts to retire. *Annals of the International Communication Association*, 41(1), 92-99. <https://doi.org/10.1080/23808985.2017.1291281>
- Lasswell, H. (1958). Communications as an emerging discipline. *Audio Visual Communication Review*, 6, 245-254. <https://doi.org/10.1007/BF02768457>
- León-Duarte, G. A. (2007). *Sobre la institucionalización del campo académico de la comunicación en América Latina: Una aproximación a las características estructurales de la investigación latinoamericana en comunicación* [Tesis doctoral, Universitat Autònoma de Barcelona]. <http://hdl.handle.net/10803/4196>
- León-Duarte, G. A. (2015). La práctica interdisciplinaria aplicada al estudio de la comunicación y la información mediada por tecnología digital. *Revista Iberoamericana de las Ciencias Sociales y Humanísticas*, 4(8), 363-381.
- León-Duarte, G. A. (2019). Aportes teóricos a la investigación del campo periodístico. Sentidos y significados desde el Campo Intelectual Creador. *Intercom*, 42(3), 41-59.
- León-Duarte, G. A. (2021). Teoria intermediária na comunicação: Elementos necessários para uma abordagem da comunicação como cultura. *MATRIZes*, 15(2), 95-118. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i2p95-118>
- León-Duarte, G. A. (2022a). Methodological principles of interdisciplinary research: The integrated study of the image in social networks. *Revista Internacional de Tecnología, Ciencia y Sociedad*, 11(1), 107-119. <https://doi.org/10.37467/gkarevtechno.v11.3097>

- León-Duarte, G. A. (2022b). The essentialist critique in interdisciplinary studies in the USA. About the process of integrating a common ground in interdisciplinary research. *Norteamérica*, 17(1). <https://doi.org/10.22201/cisan.24487228e.2022.1.509>
- León-Duarte, G. A. (2022c). Sobre innovación e investigación interdisciplinar en Europa y EUA. Comunicar el paradigma interdisciplinar en la educación superior. *Observatorio*, 16(4), 128-142. <https://doi.org/10.15847/obsOBS16420222060>
- León-Duarte, G. A. (2022d). Escenarios epistemológicos de la comunicación interdisciplinar. Criterios metodológicos esenciales. In S. R.-M. de la Cruz & R. Rubial-Villamarín (Eds.), *Desafíos audiovisuales de la tecnología y los contenidos en la cultura digital* (pp. 419-434). McGraw Hill España.
- León-Duarte, G. A., Contreras Cázarez, C. R., & Moreno Carrillo, D. (2016). Probando modelos interdisciplinares inclusivos en la dependencia de internet en jóvenes. Nuevas variables asociadas. *Revista Latina de Comunicación Social*, (71), 616-631. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2016-1112>
- (NAS) National Academy of Sciences, National Academy of Engineering, and Institute of Medicine. (2005). *Facilitating Interdisciplinary Research*. The National Academies Press. <https://doi.org/10.17226/11153>
- Neurath, O. (1938). Encyclopaedism as a pedagogical aim: A Danish approach. *Philosophy of Science*, 5(4), 484-492. <https://doi.org/10.1086/286527>
- Penman, R. (2012). On taking communication seriously. *Australian Journal of Communication*, 39(3), 41-63.
- Pfau, M. (2008). Epistemological and disciplinary intersections. *Journal of Communication*, 58(4), 597-602. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2008.00414.x>
- Piñuel-Raigada, J. L. (Ed.) (2011). *La investigación y la docencia universitarias entorno a la Comunicación como objeto de estudio en Europa y en América Latina*. Cuadernos Artesanos de Latina, 15.
- Pohl, C., Klein, J. T., Hoffmann, S., Mitchell, C., & Fam, D. (2021). Conceptualizing transdisciplinary integration as a multidimensional interactive process. *Environmental Science and Policy*, 118(2), 18-26. <https://doi.org/10.1016/j.envsci.2020.12.005>
- Pooley, J. D. (2016). Communication theory and the disciplines. In K. B. Jensen & R. Craig (Eds.), *The international encyclopedia of communication theory and philosophy* (pp. 3-16). Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118766804.wbiect261>
- Price, L. (2014). Critical Realist Versus Mainstream Interdisciplinarity. *Journal of Critical Realism*, 13(1), 52-76.
- Repko, A., Szostak, R., & Buchberger, M. (2019). *Introduction to interdisciplinary studies*. Sage.

- Rowland, W. D., Jr. (1993). The traditions of communication research and their implications for telecommunications study, *Journal of Communication*, 43(3), 207-217. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01294.x>
- Schneider, S. (1977, 20-25 de febrero). Quality Review Standards for Interdisciplinary Research, paper presented at “Can Research Institutions Accommodate Interdisciplinary Researchers?” [Presentación de trabajo]. *Symposium at 143rd Annual Meeting of the American Association for the Advancement of Science*, Denver, CO, United States.
- Shadish, W. R. (1986). Planned critical multiplism: Some elaborations. *Behavioral Assessment*, 8(1), 75-103.
- Shadish, W. R. (1993). Critical multiplism: A research strategy and its attendant tactics. *New Directions for Program Evaluation*, (60), 13-57. <https://doi.org/10.1002/ev.1660>
- Shoemaker, P. J. (1993). Communication in crisis: Theory, curricula, and power. *Journal of Communication*, 43(4), 146-153. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01315.x>
- Zhu, Y., & Fu, K.-W. (2019). The relationship between interdisciplinarity and journal impact factor in the field of communication during 1997-2016. *Journal of Communication*, 69(3), 273-297. <https://doi.org/10.1093/joc/jqz012>

Artigo recebido em 31 de julho de 2023 e aprovado em 20 de setembro de 2023.